

Escravidão, conformismo e resistência em *Os Cativos* de Plauto*

Sônia Regina Rebel de Araújo

Abstract

This paper aims to study the ideology of the Roman world's scholars concerning the slaves resistance, as reflected in Plauto's Captivi. This analysis focuses on acquiescence and resistance of slaves, seen at the same time feared and despised by the master; an ambiguous view of the slaves. I used, in this case, a method derived from literary and linguistic analyses, Goldmann's Genetic Estruturalism.

Introdução

O presente trabalho visa apresentar algumas idéias acerca da escravidão romana e da ideologia sobre a mesma a partir de uma fonte literária, *Os Cativos*, de Plauto. Pretendo demonstrar que: a) as fontes literárias, e esta é um bom exemplo, apesar de serem produzidas no pólo letrado da sociedade, são importantes para percebermos a situação social dos escravos; b) a ideologia presente no mundo romano acerca dos escravos apre-go-os como seres humanos que, embora cheios de defeitos, eram capazes de possuir características de lealdade, fidelidade, além de iniciativa e inteligência; c) neste texto, aparecem os limites possíveis da visão dos letrados e senhores do mundo romano sobre os escravos — mostrando tanto o discurso da acomodação quanto aquele representativo do mau escravo, perigoso e incorrigível — e, neste sentido, as idéias de Lucien Goldmann (1970) são importantes para melhor apreensão desta ideologia.

Por ideologia, adoto a concepção expressa por R. Williams (1979: 60) que, entre várias acepções marxistas do conceito, a definiu, também, como “o processo geral de produção de sentido.” Tal concepção de ideologia é especialmente interessante para a análise da literatura produzida no

* A primeira versão deste texto foi apresentada na II Jornada de Estudos da Antiguidade promovida pelo CEIA — UFF, em outubro de 1999.

mundo romano, pois em seu núcleo está a preocupação com o significado de um texto, como ele é produzido e como chega a significar algo.

Igualmente importantes são as idéias de Lucien Goldmann sobre ideologia e classes sociais. Seu método “estruturalista genético” acerca da Sociologia da Literatura estabelece premissas significativas para os estudos sócio-literários, e delas me sirvo para aplicá-las à análise da ideologia sobre a escravidão no mundo romano. De acordo com o “estruturalismo genético”, a criação literária tem a ver com as estruturas mentais que organizam tanto a consciência real de um grupo social quanto o universo imaginário que o artista cria, e, por isso, seriam coletivas, sociais, e não frutos de um indivíduo. As estruturas mentais e sociais é que conferem à obra artística sua unidade, constituindo, esta última, um elemento fundamental da qualidade estética da mesma. Por outro lado, tais estruturas, observadas nas produções artístico-literárias, são não conscientes, exigindo uma pesquisa sociológica que as explique. (GOLDMANN, 1970: 128.)

Os métodos que este enfoque pressupõe consistem, em primeiro lugar, em buscar, através do recorte do objeto, a apreensão do significado da obra e, para tal, é necessário verificar como, e em que medida, a estrutura descoberta no texto tem um caráter funcional e constitui um comportamento significativo. Pressupõe, igualmente, que “explicação” e “compreensão” não são categorias opostas e cumprem tarefas diferentes, porém complementares: a compreensão atua no nível imanente da obra, enquanto a explicação preocupar-se-ia em inseri-la numa “estrutura englobante” que, para o autor, é a consciência de classe. Desse modo, a pesquisa deveria situar-se em dois níveis, o do objeto de estudo e o da consciência de classe, oscilando entre eles (GOLDMANN, 1976: 212.)

Isto posto, pretendo analisar esta peça de Plauto mediante a articulação de uma análise interna à obra com a consideração de que a ideologia sobre a escravidão no mundo romano seja a “estrutura englobante” que informa esta narrativa.

1. Alguns Dados Biográficos de Plauto

Titus Maccus Plauto viveu entre os anos 254 e 184 a.C. Nasceu em Sarsina, na fronteira da Úmbria, provindo de família modesta.

Foi o mais antigo dos comediógrafos latinos. São-lhe atribuídas mais de cento e trinta peças, mas dessas só nos chegaram, com autoria comprovada por Varrão, vinte e uma peças. A influência grega sobre ele, especialmente dos autores da “Comédia Nova”, Menandro, Dífilo e Filemon, é inquestionável e, por representarem o modo de vida e as características

dos gregos, são conhecidas como *fabulae palliatae*. No entanto, em suas peças Plauto introduz elementos da vida romana, do cotidiano das classes populares, o que lhes confere uma peculiaridade, uma originalidade toda especial, resultantes também do fato de ele freqüentar os meios populares romanos.

O enredo da maioria de suas peças gira em torno das “velhacarias” de um escravo, às vezes destinadas a unir amantes apaixonados. Entre seus personagens estão, além de escravos ardilosos, pais estúpidos, soldados falastrões, proxenetas gananciosos. Dentre as mais famosas estão: *Aulularia*; *Anphitruo*; *Pseudolus*; *Asinaria*; *Captivi*.

Em suas peças, o diálogo é muito importante e ocupa boa parte do texto, cerca de um terço. Os dois terços restantes eram consagrados à *cantica*, a parte cantada, o que as tornava espécies de comédias musicais.

Quanto a *Os Cativos*, seu enredo gira em torno de uma comédia de erros. Um cidadão rico habitante em Cálidon na Etólia, Hégio, que perdera um filho há anos, roubado por um escravo fugitivo, teve o outro filho, Filopólemon, capturado na guerra entre a Etólia e Élis; por este motivo, Hégio passara a traficar com escravos para tentar recuperar este filho. Desse modo, adquiriu no mercado dois escravos cativos de guerra, provenientes de Élis, Filócrates e seu escravo Tindaro. Estes resolvem enganar Hégio, a fim de obterem a liberdade, e trocam de identidade, e Tindaro passa por Filócrates e este por ser escravo do primeiro; nesta condição, Filócrates é mandado por Hégio a Élis para negociar sua libertação, enquanto Tindaro permanece como refém em sua casa. Quando o amo descobre o embuste, julgando-se enganado e desesperançado de recuperar Filopólemon, castiga Tindaro, mandando-o agrilhado trabalhar nas pedreiras.

Quando Filócrates regressa de Élis, traz não somente Filopólemon, mas também Estalágmo, o escravo fugitivo de Hégio que lhe seqüestrara o filho ainda menino que, por ironia, era o próprio Tindaro. O mau escravo é punido e Tindaro e Filopólemon recuperam sua posição de homens livres e cidadãos.

A importância dessa peça é enorme para os meus propósitos. Quero discutir as diversas situações dos escravos em relação aos seus amos e entre si, observando que o autor delineia tanto o discurso da acomodação quanto aquelas situações em que aparece a resistência dos escravos em graus variados. Tindaro, tornado escravo de Filócrates na tenra infância, é mostrado como o escravo fiel ao amo, reconhecido e grato. O capataz é um ser ambíguo, pois ora demonstra ser o homem de confiança do senhor, ora fala em fuga. Estalágmo é o tipo do mau escravo, pérfido e ladrão. Hégio, por sua vez, sem abrir mão do seu domínio sobre a propriedade, ora tenta

cooptar os escravos para que lhe obedecam, ora usa seu poder senhorial e os castiga de diversos modos, acorrentando-os, surrando-os, mandando Tindaro para as pedreiras e Estalágmo para o verdugo.

2. Acomodação e Resistência de Escravos no Mundo Romano

Em primeiro lugar, abordo brevemente as premissas de Finley (1991: 97-128) sobre a escravidão no mundo antigo para referenciar teoricamente minhas reflexões. O autor parte de duas considerações de âmbito mais geral: a de que a sorte do escravo dependeria em maior ou menor grau das disposições do senhor e se este é bom ou mau amo; a ambigüidade entre a afirmação e a negação da humanidade do escravo é um excelente ponto de partida para se abordar e explicar a escravidão antiga. A seguir, acentua que os escravos pagariam com o corpo pelo fato de não serem livres e que a prática da tortura, longe de ser irracional, tornara-se corriqueira, pois era fundamental, naquela sociedade, distinguir os homens livres dos que não o eram. A disponibilidade irrestrita dos escravos para as relações sexuais é outro traço significativo de sua situação social. A “despersonalização” destes se daria pela mudança constante de seus nomes, pelo fato de poderem ser vendidos pois, como propriedades, tornavam-se mercadorias, e por serem chamados de “garotos”, — *pais/puer*, respectivamente em grego e latim — não importando a idade real dos servos. Finalmente, os escravos não teriam personalidade jurídica, não sendo sujeitos de direitos, inclusive aqueles referentes aos laços de parentesco, pois o casamento dos escravos, embora incentivado pelos senhores, não tinha valor legal. Finley afirma igualmente a totalidade do poder dos amos sobre os escravos e minimiza as formas de resistência destes frente às situações a que estavam expostos.

As implicações sociais destas premissas, no que tange aos escravos no mundo romano, são enormes. Quanto à ideologia dos letrados romanos, por exemplo, observe-se os resultados do fato de se os considerar como coisas e como seres humanos: os escravos poderiam ser companheiros de trabalho do amo, realizando tarefas diversas; eles, freqüentemente, se voltavam para o senhor como uma referência, aceitando certos valores dos elementos dominantes, o que inclusive explica a existência do sentimento de fidelidade aos amos. A visão ambígua acerca de alguns fâmulos — amas, pedagogos — aparece nos escritos dos letrados gregos e romanos, vistos por uns com sentimentalismo (refiro-me aos epigramas funerários de Marcial que choram a morte de uma ama querida, ou de uma criança escrava), mas condenados pelos moralistas (Plutarco é um bom

exemplo), que criticavam o fato dos pais entregarem futuros cidadãos aos cuidados de “*bárbaros incultos*”. A este respeito, Finley (1991: 122) indica como elemento da ideologia dos letrados o “*racismo*”, “*resultado lógico da equação escravo-estrangeiro, termo no qual insisto, apesar da ausência de um estigma de cor, a despeito da variedade de povos, e a despeito da freqüência das manumissões e suas conseqüências peculiares.*”

Ao lado da afirmação do poder do amo sobre seus escravos, a resistência destes sempre existiu, de forma mais ou menos organizada. Não devemos vê-los, porém, como vítimas inermes de amos sádicos, nem como rebeldes de tempo integral. Para os historiadores da Antigüidade, o dilema entre Sambo e Nat Turner sequer se coloca há muitos anos. Os escravos acomodavam-se, para sobreviver, a maior parte do tempo; resistiam ao domínio do amo, com maior ou menor intensidade, dependendo das circunstâncias; rebelavam-se de forma organizada — e isso foi raro na Antigüidade — quando a conjuntura assim o permitia. Portanto, em meu enfoque, os dois aspectos estão presentes: os escravos do mundo romano, embora jamais tenham aceitado a escravidão, revoltaram-se de maneiras variadas, quando possível, acomodando-se quando não era viável resistir.

Finley (1991: 115) considera as formas de resistência dos escravos insignificantes, minimizando-as. Ressalta a fuga, porém, afirmando que esse era “*um tema obsessivo*” nas fontes. Mostra que, apesar das evidentes dificuldades representadas pela perseguição dos senhores, assim como no que se refere a encontrar refúgios seguros, os escravos fugiam. Os senhores temiam e tentavam evitar a todo o custo essa forma de rebeldia, acorrentando seus servos, pondo-lhes coleiras pesadas com placas de metal identificadoras dos fugitivos. Quando nada disso adiantava, apelavam para os caçadores de escravos que buscavam informações entre a população de baixa extração social: rufiões, donos de estalagem, capitães de navios envolvidos com contrabando, mercadores de escravos, atores, gladiadores. Havia o caso de fugas de escravos rurais para lugares inacessíveis, como montanhas, pântanos, florestas, onde passavam a viver em bandos de fugitivos foras-da-lei. Toda essa repressão se justificava, pois essa forma de luta de classes era um fenômeno permanente que causava prejuízos e atrasos na produção (STAERMAN, 1978: 175-214).

Passo então a analisar a fonte *Os Cativos*, para dar conta das idéias que venho analisando, neste texto, sobre acomodação e resistência dos escravos, enfocando, principalmente, a questão da fuga. Quero problematizar as seguintes idéias: questionar a afirmação de Finley acerca da totalidade de poder do amo sobre os servos, relativizando o fato destes estarem sempre à disposição de sua vontade; colocar em perspectiva as idéias

sobre acomodação dos escravos no mundo romano em relação ao cativo, afirmando que expressavam uma resistência ardilosa a tal situação ou, quando isto não fosse possível, chegavam ao enfrentamento direto.

Tomo como indício a grossura das correntes que prendiam Tíndaro e Filócrates, prisioneiros de guerra que, nesta condição, foram comprados por Hégio, indicada nas passagens que ilustram tanto o poder do amo sobre os escravos, cuja sorte dependia de seu humor, quanto, ironicamente, da resistência dos escravos à sua dominação.

No primeiro ato, observa-se a conversa de Hégio com o capataz acerca dos dois escravos eleus acima mencionados.

Hégio: — Ora, faz o favor de atender ao que te digo. Põe correntes separadas a cada um desses escravos que vieram no despojo e que ontem comprei aos questores; tira-lhes estas maiores com que estão atados. Deixa-os andar por onde quiserem, por dentro ou por fora da casa. Mas guarda-os com todo o cuidado. Um homem livre, quando cativo, é semelhante às aves dos bosques: basta que se lhes dê uma ocasião de fugir e prendê-los depois é impossível.

Capataz: — Todos nós preferimos ser livres a servir como escravos.

Hégio: — Mas tu não parecias desses.

Capataz: — Mas fico logo a parecer, se não aparecer."

(Os Cativos 1, 110-24)

Esse trecho é altamente sugestivo das seguintes realidades: a diversidade de situações entre os servos — capataz e trabalhadores — não elide a idéia de classe social, pois o capataz, em situação privilegiada, no limite, pode ser vendido, chicoteado, mandado para os ergástulos, o que se constata ao final desse diálogo, quando Hégio lhe diz: "*Se fizeres isso [fugir] ponho-te na gaiola.*" (*Os Cativos 1, 125*). Note-se que estes escravos tinham origem na guerra, tendo sido comprados aos questores, demonstrando o autor que, longe de ser um fenômeno natural, a escravidão era um fato da vida, uma desgraça que podia atingir homens livres, e que o natural, ao contrário, é querer ser livre.

O discurso da acomodação aparece na fala do capataz aos cativos Filócrates e Tíndaro. Ele apregoa a necessidade do escravo se acomodar para adquirir vantagens, bem como da incerteza da sorte do escravo, totalmente dependente da boa ou má vontade do senhor.

"Capataz: — Se foi por o quererem os deuses imortais que passais esta desgraça, o melhor é sofrê-la com paciência; se o fizerdes, tudo correrá mais facilmente (...). Fostes livres em vossa terra, mas agora veio a escravidão, o que será bom será vos resignardes a ela e torná-la mais branda,

dispondo-vos a cumprir a vontade de vosso amo. Tem de se tornar digno tudo o que de indigno faz o dono.

Filócrates: — Ai, Ai, Ai!

Capataz: — Não são necessários lamentos. O que melhora as coisas, quando tudo corre mal, é manter-se calmo. (...) Mas o nosso amo é bem capaz de se arrender, se vos tira das correntes e vos deixa soltos, porque deu dinheiro por vós.

Filócrates: — Que teme ele de nós? Nós bem sabemos qual é o nosso dever, se ele nos deixa soltos.

Capataz: — O que vós pensais é na fuga. Bem sei quais são as vossas intenções."

(Os Cativos 2, 195-205)

Este diálogo mostra cabalmente o discurso da acomodação, aconselhada como melhor e mais segura maneira de obter a boa vontade do senhor, único meio, segundo o texto, de escravos conseguirem melhorar sua sorte. Contudo, fica claro também que homens livres, tornados escravos, só pensam na fuga. Observe-se que Filócrates retruca melindrado ao capataz, rejeitando a idéia de fuga: "*Ora, deixa-te disso. Não nos ficaria bem imitar escravos fugitivos.*" (*Os Cativos 2, 205-10*). Ora, é exatamente o que Filócrates está tramando, a fuga para Elis. É importante notar que, embora ele tenha caído em cativo com seu escravo Tíndaro, estando no momento igualado existencial e socialmente a este, por ter sido um homem livre até pouco tempo, é ele quem toma todas as iniciativas para a libertação do cativo. Tíndaro, escravo de Filócrates desde os quatro anos de idade, tem uma atuação mais apagada, limitando-se a cumprir seu papel nos planos de Filócrates.

É notável, igualmente, no trecho acima, a passagem em que se demonstra a desigualdade social e ética entre senhores e escravos, porque estes últimos deveriam, segundo Plauto, falando pela boca do capataz, aceitar todas as ações indignas provindas do senhor como se fossem dignas.

Prometi analisar a questão da acomodação e da resistência dos escravos ao domínio do amo através da análise da grossura das correntes que prendiam os cativos e Tíndaro, principalmente. É hora de cumprir a promessa. Utilizando-se de um estratagema, Filócrates consegue ser solto e obtém permissão para voltar à Elis para negociar a libertação do filho de Hégio, Filopólemo, mediante troca de prisioneiros. Quando o engodo é descoberto, o proprietário, furioso, manda colocar fortes correntes em Tíndaro e manda-o para as pedreiras, considerado, este, um dos piores castigos destinados aos escravos indóceis.

"Hégio (mostrando Filócrates aos escravos): — Soltem esse homem, e ao outro também.

Tíndaro: — Que bondade a tua em me livrares destas correntes. A verdade é que não me incomoda nada ter o pescoço livre de tais coleiras."

(Os Cativos 2, 355)

"Hégio: — Ponham algemas a este malvado. Prendam-lhe as mãos e apertem bem.

Tíndaro: — Como te pertença, até podes me cortar as mãos, se quiseres."

(Os Cativos 3, 665-70)

"Hégio: — Levai-o e ponde-lhe correntes bem pesadas e bem grossas. Depois é mandá-lo para as pedreiras. Os outros têm que tirar cada um oito pedras; pois ele vai ter que tirar dezesseis, se não quiser apanhar seiscentas chibatadas. (...) Lá vai ele para o calabouço como merece. Isto é um exemplo para os cativos, para que nenhum ouse fazer o mesmo."

(Os Cativos 3, 720-25)

"Tíndaro (ao voltar das pedreiras): — Tenho visto muitas pinturas em que se representam os tormentos do Aqueronte, mas na verdade nunca vi que houvesse Aqueronte igual àquele que sofreu nas pedreiras. Ali é o lugar onde todo o corpo se vai pela fadiga do trabalho. Quando lá cheguei, deram-me para me divertir uma picareta, como aos meninos ricos se dá uma codorniz para brincar."

(Os Cativos 5, 1000)

Estes trechos demonstram, em primeiro lugar, que os escravos estavam à mercê do dono, seja para libertar-se, seja para sofrer castigos. Outra premissa de Finley comprovada nesses excertos é a de que os servos respondiam com o corpo pelas faltas cometidas, sendo rotineiramente submetidos a castigos físicos, a serem acorrentados e mandados para as prisões e para as minas e pedreiras como grandes castigos para faltas excepcionais. A exploração brutal de tais escravos fica consignada nesta fonte. A resistência destes, porém, também é percebida, pois por ajudar na fuga de Filócrates é que Tíndaro foi castigado.

Por sua vez, Tíndaro demonstra ser um escravo fiel, acomodado à escravidão e, talvez por isso, apresenta a característica da lealdade ao senhor. Quando Hégio descobre que foi enganado, que seus prisioneiros trocaram de identidade, antes de castigar Tíndaro, mandando-o para as pedreiras, entabula com este o seguinte diálogo:

"Tíndaro: — Mas por que é que estás furioso comigo?"

Hégio: — Porque te confiei tudo e tu me perdeste com a tua malvadez, os teus enganos, as tuas mentiras (...) Pois vais pagá-lo bem caro.

Tíndaro: — (...) Mesmo que eu morra aqui (...) perecerei por uma ação memorável; fiz que meu senhor se escapasse da escravatura e do inimigo, e de cativo o tornei livre, restituindo-o a sua pátria e ao seu pai; preferi que a minha vida corresse perigo a que ele sucumbisse. (...) O que é certo é que salvei meu amo, que estou contente por o saber salvo e porque foi o de velar por ele que me encarregou o meu amo mais velho.”
(*Os Cativos* 3, 665-705)

Tíndaro, quando Hégio lhe cobra fidelidade, justifica aquela que o prendia ao seu amo pelo fato de ser seu escravo desde menino, enquanto estava apenas a poucas horas a serviço do novo senhor. O bom escravo, fiel e dedicado, tem seu lugar nessa peça.

O verdadeiro autor de tantos infortúnios, porém, foi o escravo Estalágmo, que roubara o filho de Hégio há vários anos e o vendera em Élis ao pai de Filócrates. Portanto, Filócrates e Tíndaro, amo e servo, assumiram um destino comum — a escravidão — durante a guerra, e foram a guerra e o comércio de escravos que trouxeram novamente Tíndaro e Estalágmo à Etólia.

A figura e as atitudes de Estalágmo caracterizam, por sua vez, o paradigma do mau escravo. Aprisionado, trazido à presença de Hégio, seu antigo dono, responde-lhe agressivamente às suas tentativas de cooptação:

“Hégio: — Ora, vamos lá depressinha, meu amável amigo, meu adorável escravozinho, meu mimozinho.

Estalágmo: — Que eu ei de fazer, quando tu, que és um homem assim, dizes mentiras dessas? Eu nunca fui nem adorável, nem amável, nem nenhum mimo; nunca servi para coisa alguma e nunca servirei. Não tenhas esperanças de que eu venha a melhorar.

Hégio: — (...) Vou por-te corpo todo vermelho.

Estalágmo: — O quê? Ameaças-me de pancada como se eu fosse inexperiente? Vamos, dize logo o que queres para que possas ter o que pretendes.

Hégio: — Se disseres a verdade, sempre meloras um pouco as coisas.

Estalágmo: — Tretas, tudo isso. Julgas que não sei o que mereço?

Hégio: — Sempre podes evitar alguma coisa, senão tudo.

Estalágmo: — Bem sei que pouco evitarei. Muito me vai acontecer e, merecidamente, porque fugi, te roubei teu filho e o vendi.” (grifos meus)

(*Os Cativos* 5, 955-975)

Estalágmo é o protótipo do mau servo e suas palavras contrastam vivamente com as de Tíndaro que afirmara, junto a Hégio, sua fidelidade ao antigo senhor. Tais contrastes são exemplares do que Lucien Goldmann (1970: 73-74) escreveu a propósito dos limites possíveis em uma obra ficcional, ou seja, de que uma visão de mundo, presente em um texto, para

ser verossímil tem que mostrar o seu oposto, como um limite que, por contraste, a elucide para os leitores. Assim, vemos intercalados dois discursos, duas posições: a do bom escravo, fiel ao antigo amo, e a do mau escravo, fujão, imprestável, ladrão, exemplificados, respectivamente, por Tíndaro e Estalágmo.

Quanto a este, seu castigo é inevitável, e faz parte da ideologia presente no mundo romano, e exemplificada na peça de Plauto, que ele mesmo o expresse, quando diz que sabe o que merece por ter fugido e roubado o filho do amo. De fato, Estalágmo é mandado acorrentado para o verdugo.

Conclusão

A visão do autor pode assim ser resumida.: a escravidão é uma fatalidade, uma desgraça que, devido à guerra, pode acometer até mesmo homens livres; bons escravos sabem que sua sorte depende do amo, por isso, o melhor a fazer é obedecer; é próprio de homens livres prezarem a liberdade, daí a fuga ser uma tendência mais do que natural, inevitável; os cativos estavam sujeitos a toda a espécie de infortúnios, serem vendidos, castigados, surrados, mandados para ergástulos ou pedreiras; os maus escravos devem pagar com a vida por seus crimes.

Entre o escravo fiel, guardião do discurso da passividade e da acomodação, e o outro extremo, o fugitivo criminoso, todas as posições são possíveis e esta peça o demonstra: o acerto entre os prisioneiros escravizados para combinar a libertação; os ardis para aliviar o peso das correntes; as respostas verbais ao amo; a fuga, o crime.

As fontes literárias são úteis para nos dar a perceber os sentimentos que envolviam as situações referentes aos escravos, e esta peça de Plauto é exemplar neste sentido. Os escravos temem ser vendidos, castigados; os amos temem ser enganados por seus escravos. A violência e o embuste moldavam as relações sociais entre os senhores e os cativos. Desprezo e medo são os sentimentos contraditórios expressivos da ambigüidade fundamental que explica a ideologia escravista dos letrados no mundo romano.

Documentação textual

PLAUTE. *Captivi*. v. 2. trad. A. Ernout. Paris: Les Belles Lettres, 1933.

Bibliografia

BAKHTIN, M. *Questões de Literatura e Estética. A Teoria do Romance*. São Paulo: Hucitec/UNESP, 1988.

- BRADLEY, K. *Slavery and Society at Rome*. London: Cambridge University Press, 1996.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. *Trabalho Compulsório na Antiguidade*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. *Narrativa, Sentido, História*. Campinas: Papyrus, 1997.
- FINLEY, M. I. *A Economia Antiga*. Porto: Afrontamento, 1984.
- FINLEY, M.I. *Aspectos da Antiguidade*. Lisboa: Ed. 70, 1990.
- _____. *Escravidão Antiga e Ideologia Moderna*. Rio de Janeiro: Graal, 1991.
- GARNSEY, P. *Ideas of Slavery from Aristotle to Augustine*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- GOLDMANN, L. *Marxisme et Sciences Humaines*. Paris: Gallimard, 1970.
- _____. *A Sociologia do Romance*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- HARVEY, P. *Dicionário Oxford de Literatura Clássica: Grega e Latina*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1990.
- STAERMAN, E. "A Luta de Classes no Final da República". In: ANNE-QUIN, M. et al. (orgs.). *Formas de Exploração do Trabalho e Relações Sociais na Antiguidade Clássica*. Lisboa: Editorial Estampa / Imprensa Universitária, 1978. pp. 175-215.
- WILLIAMS, R. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

Notas

¹ *Fabulae Palliatae* é a denominação de comédias latinas adaptadas ou inspiradas por comédias gregas. (HARVEY, 1990).

² Harvey (1990) menciona a influência da comédia plautina sobre W. Shakespeare.

³ M. I. Finley aponta no caso das manumissões, para um aspecto da peculiaridade da escravidão entre os romanos: uma vez alforriado, o ex-escravo podia tornar-se cidadão, o que não acontecia na sociedade ateniense.

⁴ "Mesmo exprimindo uma visão de mundo dada, a obra é forçada, por razões literárias e estéticas, a formular também os limites de tal visão, os valores humanos que, para garantir a vitória daquela, são sacrificados." (CARDOSO, 1997: 27-30).